

# Comunidade em Campo



Informativo do Centro de Assessoria ao Movimento Popular – Ano II – nº 6 – Novembro 2002

Editorial

## A força da semente

Quem esteve presente na festa dos 15 anos do CAMPO, na quadra da Mangueira, não pode deixar de ter sentido a vibração que contagiou e incendiou o coração de todos. Essa vibração subia a partir dos representantes dos grupos de base, que têm o perfil do nosso povo, o rosto do nosso país: é o rosto de negros, mulatos e brancos, mulheres jovens, maduras e mais idosas, crianças ensaiando os primeiros passos, rapazes e moças com o ritmo do samba brotando de seus corpos...

Esse rosto popular é talvez a maior riqueza do Campo. E esse rosto só está aí presente porque o Campo colocou como um de seus principais objetivos trabalhar *com* e *a partir* dos grupos de base. É mais fácil trabalhar “de cima para baixo”, traçar projetos de fora, que se impõem ao povo sem consultá-lo. Muito mais difícil, porém mais eficaz e duradouro, é trabalhar em parceria, “aprendendo junto”, como disse o fundador Cristiano Camerman.

Especialmente neste momento da história, quando há um certo vazio de ideologias e uma incerteza sobre o futuro do planeta, é importante não perder o pé, nem o rumo. Cada passo a ser dado deve estar apoiado na experiência do passado e na confiança na capacidade humana de encontrar saídas para os desafios que se colocam.

O novo está aí: acabamos de eleger um presidente que vem do mundo do trabalho, da classe popular, e cujo projeto consiste antes de tudo no resgate da dívida social acumulada durante séculos da nossa história. A equipe que assumirá o governo nos próximos quatro anos sabe muito bem que não basta matar a fome do povo; que é preciso dar educação, trabalho e consciência de cidadania a toda a população, para que esta assuma seu papel de sujeito da própria nação. Ora, essas metas do novo presidente, que correspondem ao desejo da maioria dos eleitores, o Campo já vem trabalhando e buscando desde a sua fundação: educação, capacitação, geração de trabalho e renda, cidadania, ecologia...

A filosofia do “aprender junto” significa pôr a mão na massa: assessores, técnicos, coordenadores, todos junto com os grupos de base, na tentativa de abrir novos caminhos, inventar novas alternativas. Ninguém é mais sabido do que os outros: todos têm algo a aprender e todos têm algo a ensinar.

Um antigo provérbio atribuído a Buda diz: “Ensine sendo. Aprenda fazendo”. Penso que o Campo está colocando em prática esse conselho. É como trabalhar com sementes. Não se deve ter pressa, porque a semente leva tempo para brotar, crescer e se tornar uma árvore onde os passarinhos vêm pousar. Na realidade, o Campo não é semente. As sementes estão nas pessoas, no povo, nas comunidades. O Campo apenas oferece o *terreno – campo* – como espaço que se deseja fértil para que as sementes germinem e cresçam, até desabrocharem em muitas flores e frutos...

A originalidade do Campo está em acreditar na força da semente. E a proposta do Campo é investir na surpreendente promessa de vida que anda escondida no coração do nosso povo.

Tereza Cavalcanti – Sócia do Campo



# Campo faz 15 anos



Câmara Municipal do Rio de Janeiro presta homenagem e entrega Medalha Pedro Ernesto

# Festa dos 15 anos reúne 600 pessoas na Mangueira

*Integrantes da equipe, sócios, parceiros e grupos assessorados lotam a quadra da Estação Primeira e comemoram aniversário do Campo em ritmo de samba*

Isabel Capaverde



*Culto ecumênico abre as comemorações*

No dia 3 de novembro, o Campo reuniu na quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira integrantes da equipe, sócios, grupos assessorados, parceiros e amigos, para celebrarem juntos os 15 anos da entidade. A festa, que começou pela manhã e terminou ao cair da tarde com uma intensa programação, foi marcada pela emoção e alegria daqueles que estão construindo a história da entidade.

Como mestre de cerimônia, Ronaldo Soares, um dos coordenadores do Campo, deu início às comemorações por volta das 10h30. Agradeceu a presença dos convidados e informou sobre os painéis fotográficos feitos pelos grupos, expostos nas laterais da quadra. No momento seguinte, para presidir o ato ecumênico de Ação de Graças, chamou representantes de vários credos: Elizete Napoleão, da Cooperativa Corte e Arte do Cantagalo, batista; Maria Fernanda dos Santos, do Centro Comunitário de Formação Profissional (CFP) da Penha, espírita; Geni de Moraes Pedro, da Rede de Difusão de Cooperativismo, budista; e Maria Aparecida de Araújo, do Centro Comunitário de Formação Profissional (CFP) de Jardim Boiúna e Adjacências, católica. Durante o culto, todos rezaram o Pai Nosso e cantaram

as músicas "Pra dizer que não falei das flores" (Geraldo Vandré), "O Cio da Terra" (Milton Nascimento e Chico Buarque) e a Oração de São Francisco - acompanhados pelo violão de Bira e pela voz de Marilsa, do Centro Espírita Irmã Clara.

Logo após, o mestre de cerimônia anunciou o painel "Os 15 anos que se passaram e os 15 anos que virão pela frente", mediado pelo fundador e coordenador do Campo, Cristiano Camerman. Para compor a mesa, foram chamados a diretora do Campo, Maria Stela de Moraes; a representante das creches e brinquedotecas, Maria de Lourdes Taylor; pelo CEC Tinguá, Maria Moreira de Albuquerque; pela Rede de Centros Comunitários de Formação Profissional do Grande Rio, Maria Aparecida de Carvalho Lima; pela Rede de Centrais de Serviço (RCS), José Carlos Dionizio; o coordenador regional da Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais - Abong-Sudeste-, Ricardo de Gouvêa Corrêa; pela entidade belga DISOP, Maria Inês Bareel; e representando a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro, a subsecretária Nilma Sartori.

Cristiano Camerman fez questão de mostrar e compartilhar com os grupos a Medalha de Mérito Pedro Ernesto - maior

comenda concedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro -, recebida pelo Campo no dia 1º de novembro. Disse que uma das características da instituição e dos grupos é saber ouvir, e passou a palavra para os demais componentes da mesa. A primeira a falar foi a diretora Maria Stela Moraes, que contou ter sido apresentada ao Campo pelo amigo Carlos Alberto Steil, antigo sócio e diretor da Ong. "Quando ele teve que se mudar do Rio, me pediu que o substituisse. No início fiquei um pouco assustada com aquele pedido. Participar de uma entidade que eu nem conhecia... Pois bem, fui apresentada ao Campo numa festa de final de ano, em 1995. Acabei estabelecendo uma relação de afeto com as pessoas e de muita admiração pelo trabalho realizado. Meu envolvimento e minha paixão foram crescendo tanto que me tornei presidente da entidade. Anos mais tarde, em 1998, quando me afastei do Rio, pedi para continuar na diretoria, pois já não imaginava mais a minha vida sem o Campo. O Campo e sua equipe fazem a vida arder e incendeiam todos nós".

Para Maria Moreira de Albuquerque, representante do CEC Tinguá, o Campo se diferencia das demais entidades pela prática democrática. "Presido a Associação de Moradores de Rancho Fundo, em Nova Iguaçu, e a comunidade está participando

do CEC Tinguá. A gente viu nessa parceria com o Campo uma grande oportunidade de crescer. Eles falam em democracia e agem com democracia. Isso está muito presente em todas as ações da Ong". Ações que, segundo Maria de Lourdes Taylor, representante das creches e brinquedotecas assessoradas, deveriam ser seguidas pelos governos. "Se os nossos governantes agissem como o Campo, tenho certeza que o mundo seria bem melhor".

Ricardo de Gouvêa Corrêa, coordenador regional da Abong-Sudeste, fez uma bonita comparação do Campo com uma árvore. "O Campo é uma árvore e os grupos são os frutos e também as raízes dessa árvore. Na verdade, é uma honra e uma alegria muito grande ver uma filiada com tanta força no sentido de grupos e comunidades que atende, de projetos diversificados com crianças e adolescentes, de geração de trabalho e renda. É muito gratificante que a Abong tenha uma instituição com a força social do Campo, que chega aos 15 anos crescendo com essa ligação cotidiana e profunda com os grupos populares".

Tão satisfeita quanto a Abong-Sudeste em ter o Campo como afiliado, está a entidade belga DISOP em tê-lo como parceiro. Parceria essa que a representante



*Integração entre coordenadores, equipe, sócios e grupos assessorados: uma das marcas do Campo*

## Elas e eles estavam lá...

"O Campo é uma assessoria responsável, comprometida e ética, nos moldes em que o Brasil precisa para crescer".  
Jurema Batista - Vereadora

"É no campo que se joga a semente e se colhe o fruto. O Campo que nós estamos falando colocou boas sementes e, com certeza, os frutos são os mais saborosos possíveis. A sociedade toda é quem ganha com isso".  
Eliomar Coelho - Vereador

"O Campo veio suprir uma lacuna. Há muito tempo esperávamos por isso. Quero continuar ajudando a instituição a se fortalecer, e meu papel agora é junto ao governo Lula. Sou um aliado do Campo e um militante do Campo".  
Carlos Santana - Deputado Federal

"O Campo apresenta o caminho do que deve ser o trabalho com o movimento popular: ajudar aqueles que se organizam e querem construir uma vida melhor. Muito diferente da prática populista que usa o aparelho do estado para trocar favores com a população".  
Vladimir Palmeira - ex-Deputado Federal

"Me aproximei para fazer uma avaliação, mas acabei me apaixonando pela experiência e virei sócio do Campo. Tenho a impressão de que uma das coisas interessantes nessa instituição é a capacidade de mobilizar pessoas, organizações e recursos muito diferentes dentro de um mesmo objetivo. Comemorar os 15 anos numa quadra de escola de samba também é algo diferente. As celebrações no mundo das Ongs são sempre muito sérias, convencionais. Fazer da festa parte da vida da gente é tão importante como fazer capacitação, montar um jornal ou dar um curso".  
Eduardo Baptista - Sócio do Campo



Painel debate a atuação do Campo



Delegação é apresentada antes da viagem à Alemanha



Livro sobre a história do Campo faz sucesso na quadra

da entidade no Brasil, Maria Inês Bareel, espera que continue. "Tudo começou em 1996, quando Cristiano esteve na Bélgica. Nessa ocasião a DISOP tomou conhecimento da existência do Campo. Os contatos foram amadurecendo e a parceria iniciou concretamente em 1998, num projeto de cinco anos. Esse projeto está se concluindo no final do ano. Já foi apresentado um novo projeto de três anos, em fase de análise pelo governo belga. Esperamos que seja aprovado, para que o trabalho do Campo, que é muito sério, continue e se multiplique beneficiando outras pessoas. Na nossa visão, a assessoria ao movimento popular desenvolvida pelo Campo é muito libertadora".

A seriedade da entidade também foi destacada pela subsecretária Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro, Nilma Sartori. "A seriedade do Campo é fora do comum. O que nós queremos são organizações firmes e fortes, de estruturas sólidas, que façam um bom trabalho como Campo tem feito nesses 15 anos. Junto à Prefeitura, creio que a parceria deve continuar".

Encerrando o painel, Cristiano comentou que nesses 15 anos, e especialmente nos últimos tempos, o Brasil havia mudado bastante e que todos ali presentes também estavam mudando. "Os grupos e o Campo, pois o Campo não existe sem os grupos".

Dando continuidade à festa, Hector Watté, outro coordenador do Campo, foi chamado por Ronaldo Soares para apresentar a delegação que naquela semana estava indo para a Alemanha, com o objetivo de estreitar ainda mais as relações com os parceiros da Welt Friedens dienst (WFD), prestar contas do trabalho realizado, e quem sabe, trazer na mala novos projetos. Dessa vez, ao contrário do que aconteceu em 1998 quando o grupo que viajou era formado só por homens, cinco mulheres – Ana Cristina Venâncio, pelo CEC Tinguá; Maria Aparecida Carvalho Lima, pelo CFP Padre Rafael; Neide Hígino da Silva, pelo Campo; Isabela Cristina Amâncio Góis, pela creche e CFP de Jardim Bom Retiro; e Alcinéia Peixoto Hermes, pelo CFP de Papucaia - embarcaram rumo à

Frankfurt, a primeira parada de um roteiro que inclui muitas palestras em cidades como Erlenbach, Herrenberg, Karlsruhe, Bonn, Düsseldorf, Wetztingen, Berlin, Minden, Woltersdorf e Mönchengladbach. Ocasão em que elas poderão conhecer, como diz Hector, "a solidariedade com rosto humano, com coração de carne que pulsa, que se engaja, que se compromete".

Para marcar a comemoração dos 15 anos, além de receberem camisetas e crachás na entrada, os convidados ganharam o livro "1987-2002 - Uma história em Campo", um registro da trajetória da instituição escrito pelo assessor de comunicação do Campo, Alexandre Bebian, e produzido pelo coordenador da entidade, Francis Bossaert. Uma publicação de 84 páginas, com fotos e depoimentos. Depois da distribuição do livro, todos cantaram parabéns e brindaram o aniversário com champanhe. Um coquetel foi servido, enquanto o churrasco ainda assava.



A animação da festa ficou a cargo do grupo de pagode Só Raízes e de um show de parte da bateria e passistas das escolas de samba Portela e Unidos da Ponte. O bolo foi servido durante a apresentação dos sambistas, fechando a confraternização.



Crianças reunidas na hora do almoço

Momentos de descontração: grupo Só Raízes (acima) e Bateria da Portela e Unidos da Ponte fazem a festa



Equipe do Campo brinda os 15 anos



"Acho que o grande diferencial do Campo é a base. Ele não chega propondo e implementando projetos. Na verdade, ele só assessoria quando é solicitado por uma base, por um grupo organizado que está procurando ajuda para crescer, se expandir. O Campo atua como educador e educando. Como bem disse o Cristiano Camerman, são as comunidades que fazem a diferença do Campo".

Antônio Carlos Firmino – Representante da ASPA (Ação Social Padre Anchieta – Rocinha)

"O dia-a-dia no Campo me impulsionou a mudar o meu caminho. Sempre trabalhei em contabilidade e tinha aquela visão empresarial, em que tudo não passa de números e mercadorias. No Campo as coisas não são assim. A gente vê o trabalho em comunidade, o trabalho social, a valorização do ser humano. Até então, iria fazer faculdade de Contabilidade, mas o trabalho no Campo me voltou para a área social e me fez optar por Pedagogia".

Elisângela Mendes – Equipe do Campo

"Sinto que assim como o Campo, eu também venho crescendo profissionalmente desde que entrei para a equipe. Com a ampliação do departamento pessoal, eu tive oportunidade de aprender a encontrar soluções sozinha, a pesquisar, a me aprofundar nas questões".

Valéria Gonçalves – Equipe do Campo

"Já trabalhei em outros lugares e em nenhum me senti assim ou fui tratada da maneira como sou no Campo. Todos são amigos, parece uma família".

Maura da Silva Nogueira – Equipe do Campo

# Câmara Municipal do Rio de Janeiro homenageia Campo com Medalha Pedro Ernesto

*Aprovada por unanimidade pelos 42 vereadores, a entrega da comenda ao fundador do Campo, Cristiano Camerman, contou com a presença de cerca de 200 pessoas*

Alexandre Bebiano

Em homenagem aos 15 anos de relevantes serviços prestados a comunidades de baixa renda do estado, o Campo recebeu a Medalha de Mérito Pedro Ernesto, no dia 1º de novembro, no Plenário Teotônio Villela, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, depois do requerimento ter sido aprovado, por unanimidade, pelos 42 vereadores. A maior honraria do município foi entregue pela vereadora Jurema Batista, do Partido dos Trabalhadores (PT), ao fundador e coordenador do Campo, Cristiano Camerman, e ainda receberam uma moção os atuais diretores e demais integrantes da coordenação colegiada da instituição. Cerca de 200 pessoas estiveram presentes, entre integrantes da equipe e representantes dos centros comunitários de formação profissional, cooperativas, creches e brinquedotecas,



Sessão solene marca entrega da medalha Pedro Ernesto

e do Centro de Ecologia e Cidadania Tinguá (CEC Tinguá).

A solenidade foi aberta e presidida pela vereadora, que disse ter visitado alguns grupos assessorados pelo Campo e pôde constatar o trabalho sério e ético que é desenvolvido nas comunidades. "A medalha tem o significado de agraciar uma instituição que vem fazendo um trabalho belíssimo de assessoria aos movimentos comunitários, que realmente precisam dessa assessoria para conseguir desenvolver um trabalho de qualidade, um trabalho de respeitabilidade", disse.

Os grupos também fizeram uma homenagem ao Campo, ressaltando a boa relação com a entidade e os resultados positivos e as conquistas alcançadas a partir do apoio recebido. De acordo com a assessora do Campo, Neide Higino, a idéia da medalha veio da Rede de Centros Comunitários de Formação Profissional do Grande Rio. "A Rede

se reuniu três ou quatro vezes e cada um foi dando sugestões de como poderíamos construir essa festa", contou.

O representante da Rede, Mozart Chalfun, afirmou que a entrega da medalha ao Campo valorizou ainda mais a comenda. "Essa medalha nunca esteve tão próxima do povo. A partir do momento em que a vereadora Jurema Batista começa a trazer pessoas e instituições que realmente fazem um trabalho sério junto à comunidade para receber essa honraria, a medalha ganha mais importância", destacou.

Um dos momentos emocionantes da homenagem foi o coral formado por 20 crianças de dez creches assessoradas pelo

Campo. Sob o comando da representante de Jardim Bom Retiro, Isabela Cristina Góis, elas cantaram a música Utopia, de Zé Vicente.

Ao receber a medalha, Cristiano Camerman afirmou que o Campo não existiria sem os grupos populares. Ele comentou a importância da filosofia pregada pela entidade, da autogestão e auto-sustentação, para que os cerca de 50 grupos assessorados prosseguissem o trabalho até hoje e enfatizou a parceria. "Bonito ver a quantidade de pessoas dos grupos populares que estão presentes. Porque, no fundo, depois desses 15 anos, os grupos já sabem que na prática a gente faz as coisas juntos. Então, o Campo recebendo uma medalha, os grupos sabem que é uma medalha oferecida aos grupos também. Realmente, essa é a nossa particularidade forte desses 15 anos", concluiu.

Para o coordenador regional da Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais – Abong Sudeste -, e sócio fundador do Campo, Ricardo de Gouvêa Corrêa, a medalha vem reconhecer a solidez do trabalho do Campo. "Interessante ver que em 15 anos o Campo construiu uma série de raízes. Você vê uma instituição quando é forte pela força das suas raízes. Raízes e frutos. Os grupos são ao mesmo tempo raízes e frutos", analisou.

O evento foi encerrado com o Hino Oficial da Cidade do Rio de Janeiro e houve uma sessão de cumprimentos e um coquetel de confraternização na Sala Inglesa da Câmara.



Crianças das creches cantam e emocionam o público



Sócios e coordenadores do Campo em foto histórica com vereadora Jurema Batista (centro) e sua equipe

## Um livro para contar a história

A publicação "1987-2002 – Uma história em Campo", comemorativa do 15º aniversário da instituição, possui 84 páginas, com os principais fatos do Campo e ilustrada com fotos, e ainda com depoimentos de sócios, parceiros, equipe e grupos assessorados.

A princípio, os textos do livro foram produzidos para um jornal. Porém, pela quantidade de matérias e a importância do documento, houve a mudança de formato.

A ordem cronológica do livro levou em conta os acontecimentos mais marcantes em cada um dos anos do Campo. A publicação traz também uma entrevista com o sócio fundador, Cristiano Camerman, sobre a trajetória da instituição, a atuação do Campo no movimento popular do estado do Rio de Janeiro, e as perspectivas da entidade para os próximos anos. Cristiano destaca a filosofia da autogestão e da auto-sustentação pregada pelo Campo e a importância da atuação da instituição junto com os grupos, na busca da qualidade de vida e da cidadania.

